

NOÇÃO DE DOCUMENTO: QUESTÕES PARA UMA ABORDAGEM COSMOPOLÍTICA

THE NOTION OF DOCUMENT: QUESTIONS FOR COSMOPOLITICAL APPROACH

**Thulio Pereira Dias Gomes
Marilda Lopes Ginez de Lara**

Resumo: Apresenta questões para uma expansão da noção de documento numa perspectiva cosmopolítica. Assume como objetivo principal indicar alternativas à tradicional noção de documento presente na documentação. Como objetos específicos, almeja situar a noção de documento na cultura ocidental e levantar possibilidades de expansão dessa noção numa perspectiva cosmopolítica. Discute a necessidade de pensar, de reconhecer e de desenvolver outras lógicas na intenção de renovar o pensamento hegemônico. Expõe o rizoma e a coreografia como alternativas ao pensamento ocidental. Levanta possibilidades dessas imagens do pensamento contribuírem para a expansão da noção de documento. Questiona o posicionamento da ciência da informação frente à diversidade cultural no contexto de uma sociedade da informação heterogênea. Conclui que a expansão da noção de documento, por sua centralidade na ciência da informação, é uma das formas de rever e propor alternativas aos caminhos hoje hegemônicos. A revisitação da noção de documento poderá contribuir para a radicalização da democracia na medida em que permitir o reconhecimento de regimes informacionais de grupos desfavorecidos e oprimidos, de maneira a trazer a oportunidades destes reivindicarem seu espaço dentro da sociedade da informação e do conhecimento. A expansão da noção de documento é uma forma de ampliar o escopo de atuação da ciência da informação.

Palavras-chave: Documento. Diversidade cultural. Sociedade da informação.

Abstract: This article presents questions for an expansion of the notion of document in the perspective of cosmopolitics. It assumes as main objective to indicate alternatives to the traditional notion of document present in the documentation. The specific objects are to situate the notion of document in the Western culture and to raise possibilities of expansion of this notion in a cosmopolitical approach. It discusses the need to think, to recognize and to develop other logics in order to renew hegemonic thinking. It exposes rhizome and choreography as alternatives to Western thought. It raises possibilities for these images of thought to contribute to the expansion of the notion of document. It questions the position of information science in relation to cultural diversity in the context of a heterogeneous information society. It concludes that the expansion of the notion of document is one of the ways to propose alternatives to the hegemonic paths. The revision of the notion of document could contribute to a radicalization of democracy. This revision allows the recognition of information regime of disadvantaged and oppressed groups. The expansion of the notion of document brings opportunities for oppressed and disadvantaged groups to claim their space within the information society. In addition, expanding the notion of a document is one way of broadening the scope of information science

Keywords: Cultural diversity. Document. Information society.

1 Introdução

A necessidade de se pensar, de reconhecer e de desenvolver outras lógicas tem sido indicada por diversos domínios. No contexto das ciências, talvez, a razão para o surgimento dessas sinalizações tem sido o que Santos (1988, p. 47) chama de perda de confiança epistemológica. As soluções propostas para contornar esse problema são diversas, porém, em geral, apontam para um caminho comum. De maneira geral, aconselham, cada uma ao seu modo, o reconhecimento da pluralidade de pensamento e a renovação do pensamento hegemônico a partir dessa diversidade.

Uma das formas de trazer essa discussão para o âmbito da ciência da informação é uma revisitação da noção de documento, em vista de sua importância na área. Ao reconhecer a centralidade da cultura na sociedade e como os diferentes povos reivindicam melhores condições de vida, podemos nos perguntar como a noção de documento favorece o reconhecimento da diversidade de saberes. Assim, podemos levantar questões sobre e para a ciência informação, a partir de e para questões de saberes mais periféricos.

Neste trabalho, apresentamos questões para uma expansão da noção de documento numa abordagem cosmopolítica. Nesse sentido, assumimos como objetivo principal indicar alternativas à tradicional noção de documento presente na documentação. Como objetivos específicos, almejamos situar a noção de documento na cultura ocidental e levantar possibilidades de expansão dessa noção numa perspectiva da cosmopolítica.

2 Desenvolvimento

Nesta seção, apresentamos a noção de documento e seus principais elementos. Em seguida, apresentamos duas imagens de pensamento que sinalizam possibilidades de expansão da compreensão da noção de documento.

2.1 Noção de documento

As conotações mais remotas do termo documento vão desde ensino e instrução a exemplos, palestras e demonstrações. A partir do século XVII, com o advento do Estado Moderno, o documento passou a ter um papel importante na sustentação da burocracia estatal. Nessa época, o documento poderia ser definido como escrita que serve para provar algo ou para informar. Após, a revolução científica e, sobretudo, o iluminismo, a legitimidade política, legal e científica passou a depender da capacidade de seus atores em documentar suas reivindicações e direitos. A prova, a demonstração e a autoridade passaram a ser os critérios definidores da veracidade do documento. Esses acontecimentos colaboraram para a

construção de um cenário perfeito para a proposição das primeiras formulações teóricas da documentação (LUND, 2009, p. 1-3).

Notamos aqui que a documentação e a noção de documento se consolidam em um momento de privilégio dos documentos de conteúdo burocrático e técnico-científico e de linguagem escrita. É possível dizer que, de alguma forma, esse aspecto influencia a área até os dias de hoje. Paul Otlet, pioneiro da documentação, propôs uma ciência cujo objeto seria todas as questões comuns aos diferentes tipos de documento. Otlet, dessa forma, expandiu a noção de documento para além do livro e, por consequência, da linguagem escrita. Apesar da expansão, o viés da linguagem escrita se mantém na associação dos documentos à natureza semelhante a dos livros (LUND, 2009, p. 5).

O documento pode ser discutido, ao menos, sob duas perspectivas na ciência da informação. A primeira seria num sentido que Lara (2010, p. 36) chama de nuclear da documentação. Nesta perspectiva, os documentos são aqueles cuja função é diminuir a dispersão da informação. A função destes é a substituição do documento primário. São os documentos secundários, terciários, etc. Enquanto, na segunda perspectiva, constitui objeto de análise crítica, como expressão, por exemplo, de fenômenos sociais.

É possível dizer que essas duas perspectivas refletem a tensão, identificada por Lund (2009, p. 41-42), presente na ciência da informação. De um lado há um interesse pragmático a respeito de como lidar com os documentos. Por outro lado, há um interesse crítico na compreensão do papel dos documentos na sociedade e na cultura em geral. Essa tensão provoca uma ampliação das perspectivas do tratamento dados aos documentos.

Frohmann (2004, p. 245) tem buscado conciliar essas duas perspectivas e frisa a complexidade da discussão à medida da variedade de documentos e de suas interações. Para o autor, há uma série de problemas em simplesmente identificar os vários estratos da documentação e das condições de sua existência. A partir disso, Frohmann questiona sobre o que determina o tipo de um documento: a disciplina, o problema, a estrutura organizacional ou outros fatores. Frohmann (2006, p. 21-22), através do conceito de materialidade, concilia os estudos da documentação aos aspectos públicos, sociais, políticos e culturais da informação.

2.2 Imagens de pensamento

A epistemologia ocidental favorece que o ocidente confunda seu particularismo com universalismo. Se almejamos, então, reconhecer um pluralismo de saberes, é importante questionar sobre as presunções lógicas que permitem tal universalismo (MAZZOCHI, 2013;

RIBEIRO, 2014). Se almejamos, então, reconhecer um pluralismo de saberes, é importante questionar sobre as presunções lógicas que permitem tal universalismo.

Ribeiro (2014, p. 210) afirma a construção de qualquer universal deve ser historicizada, culturalizada e sociologizada. Nesse sentido, Olson (2002, p. 379) indica a necessidade de situar culturalmente a lógica e identifica a influência do pensamento grego clássico, especialmente de Aristóteles, na cultura ocidental. Dessa maneira, é preciso atentar para o fato de que outras lógicas podem ser encontradas em outras culturas fora da epistemologia ocidental.

Alguns estudiosos usam metáforas de imagens de pensamento para apresentar alternativas à lógica do pensamento ocidental. Vejamos a seguir exemplos dessas imagens.

2.2.1 Rizoma

O rizoma rompe com a linearidade lógica hegemônica quando permite a conectividade, a heterogeneidade, a multiplicidade, a a-significação, a territorialização, a cartografia e a decalcomania. Por meio desses seis princípios, Deleuze e Guatarri (1995, p. 13-20) rompem com a hierarquia, a teleologia e o princípio do terceiro excluído, basilares na lógica ocidental.

O rizoma está associado a visões que negam o privilégio epistemológico sobre qualquer sistema de crenças. O rizoma também não adere a uma ontologia fixa. Dessa maneira, reconhecem-se diferentes formas e igualmente legítimas de interpretação da realidade bem como variados princípios epistêmicos. Como metáfora privilegiada na pós-modernidade, o rizoma contribui para o engajamento de discursos desconstrutivistas os quais têm trazido outras visões sobre o pensamento dominante (MAZZOCHI, 2013, p. 369).

O rizoma nos permite pensar sobre o hipertexto e, de alguma forma geral, a *web*. Esses adventos tecnológicos trouxeram a possibilidade de uma organização reticular de documentos, em que a hierarquia e a linearidade são prescindidas. Na *web*, qualquer documento pode potencialmente ser conectado a qualquer outro, sem qualquer ordem pré-estabelecida. Ademais, a imagem do rizoma permite pensar em sistemas de organização complexos além de oferecer subsídios teóricos para o reconhecimento de outros saberes e a elaboração de outras lógicas.

2.2.2 Coreografia

O pensamento como coreografia remete ao pensamento de matriz africana. Noguera (2011) traz a coreografia como elemento de uma afroperspectiva na intenção de denigrir a filosofia. Essa proposta se assenta em três teses básicas. A primeira é de que pensamento é

movimentação. Dessa tese decorre que todo pensamento é movimentação que, em vez de buscar a verdade e se opor ao falso, busca a manutenção do movimento. Em segundo, o pensamento é sempre uma incorporação, de maneira que só seja possível pensar através do corpo. Por fim, a coreografia é um ingrediente que torna possível alcançar o alvo do pensamento, que é manter a si mesmo em movimento.

A afroperspectiva, através da imagem da coreografia, desafia algumas ideias do pensamento dominante no ocidente. Nessa perspectiva, o pensamento é movimento em vez de linha. O pensamento não é teleológico, uma vez que não pretende um fim a não ser manter o movimento. Por ser movimento, também não se encontra nele uma hierarquia.

A imagem do pensamento como movimento nos permite perguntar se a noção de documento é capaz de abranger as possibilidades documentais das culturas de matrizes africanas, as quais contam com agenciamentos sociais diferentes das culturas hegemônica. Também nos permite questionar se os documentos secundários que dispomos são eficazes para expressar expressões de movimento como, por exemplo, a dança, a roda, o dribble, a oralidade, a mandinga e tantas outras figuras de culturas não-ocidentais e, especialmente, das não letradas.

3 Conclusão

Vimos que a necessidade de pensar em outras lógicas tem sido indicada por diversos sujeitos. Criticam-se as opressões e o totalitarismo epistemológico como consequências do pensamento hegemônico. Trouxemos esse debate para a ciência da informação por meio da noção de documento. Podemos ponderar sobre o posicionamento da ciência da informação frente à diversidade cultural. Reconhecemos que a sociedade da informação é heterogênea, de maneira que haja fortes condicionantes culturais, sociais e políticos que tornam os indivíduos diferentes, desiguais e desconectados (GARCIA CANCLINI, 2002).

Nesse cenário, se pretendem discursos globais de desenvolvimento social, os diversos dispositivos da ciência informação devem se posicionar entre os campos da hegemonia e contra-hegemonia. Se a opção for o segundo campo, a ciência da informação deve adotar a postura cosmopolítica de defender "visões de heterogeneidade, heteroglossia, diversidade cultural e fortalecimento de atores locais" (RIBEIRO, 2014, p. 190).

Por fim, concluímos que a expansão da noção de documento é uma das formas de rever e propor alternativas aos caminhos hoje hegemônicos. A revisitação da noção de documento poderá contribuir para uma radicalização da democracia na medida em que permitir o reconhecimento de regimes informacionais de grupos desfavorecidos e oprimidos,

de maneira a trazer a oportunidades destes reivindicarem seu espaço dentro da sociedade da informação e do conhecimento. Além disso, vale a pena acrescentar que esta é uma forma de ampliar o escopo de atuação da ciência da informação.

Referências

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. Introdução: rizoma. In: _____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. p. 10-35. (Coleção Trans).

FROHMANN, Bernd. **Deflating information: from science studies to documentation**. Toronto : University of Toronto Press, 2004.

FROHMANN, Bernd. O caráter social, material e público da informação. Tradução por Laffayette de Souza Álvares Junior. In: FUJITA, Mariângela Spotti Lopes; MARTELETO, Regina Maria; LARA, Marilda Lopes Ginez de. **A dimensão epistemológica da ciência da informação e suas interfaces técnicas, políticas e institucionais nos processos de produção, acesso e disseminação da informação**. Marília, SP: Cultura Acadêmica, 2006. p. 19-34.

GARCÍA CANCLINI, Nestor. Sociedades do conhecimento: a construção intercultural do saber. In: _____. **Diferentes, desiguais e desconectados**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005. p. 225-242.

LARA, Marilda Lopes Ginez de. Documento e significação na trajetória epistemológica da ciência da informação. In: FREITAS, Lídia Silva de; MARCONDES, Carlos Henrique; RODRIGUES, Ana Célia (Orgs.). **Documento: gênese e contextos de uso**. Niterói, RJ: Editora da UFF, 2010.

LUND, Niels Windfield. Document theory. **Annual Review of Information Science and Technology**, v. 43, n. 1, p. 1-55, 2009.

MAZZOCCHI, Fulvio. Images of thought and their relation to classification: the tree and the net. **Knowledge Organization**, v. 40, n. 6, p. 366-374, 2013.

NOGUERA, Renato. Denegrindo a filosofia: o pensamento como coreografia de conceitos afroperspectivistas. **Griot: revista de filosofia**, Amargisa, BA, v. 4, n. 2, p. 1-19, dez. 2011.

OLSON, Hope A. Classification and universality: application and construction. **Semiotica**, n. 139, p. 377-391, 2002.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. **Estudos avançados**, São Paulo, n. 2, v. 2, p. 46-71, maio/ago. 1988.

VI Seminário de Pesquisa em Ciência da Informação do PPGCI 2017
Escola de Comunicações e Artes – Universidade de São Paulo

Sobre o autor e a autora

Thulio Pereira Dias Gomes

Doutorando em Ciência da Informação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

Bibliotecário-documentalista da Superintendência de Documentação da Universidade Federal Fluminense

Marilda Lopes Ginez de Lara

Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

Professora Doutora da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo